

# Declarações criam polêmica

**Roberto Garcia**  
Correspondente

WASHINGTON — Pelo menos na retórica, a batalha entre devedores e credores empatou. Ontem, ao sair de uma reunião com ministros das finanças dos países credores, o chefe da equipe econômica brasileira, Bresser Pereira, afirmou que “há crescente apoio para a idéia da conversão da dívida em títulos”. Mas, questionados a respeito desse apoio, aqueles ministros disseram exatamente o contrário, pelo menos em público. “Acho que as divergências continuam”, disse um alto funcionário do departamento do Tesouro.

Em declarações a este jornal, o ministro das finanças da Alemanha, Gerhard Stoltenberg, disse que “isso é um problema entre o Brasil e os bancos privados. Prefiro não me meter nisso, mas seria bom que o Brasil aderisse ao caminho convencional”. Outros fariam coro com ele, de forma até mais dura. “Essas soluções milagrosas não existem nem agora nem no futuro”, disse por exemplo o ministro das finanças do Canadá, Michael Wilson. “Isso é totalmente irrealista”, afirmou Manuel Johnson, vice-presidente do Banco Central americano.

Em alguns casos a seriedade com que o Brasil encara as negociações com seus credores era questionada. “Esperamos que o Brasil adote uma posição sincera daqui por diante, depois de um longo tempo”, disse por exemplo Stoltenberg, debaixo das câmeras de televisão, no saguão do Fundo Monetário Internacional.

Alguns experientes observadores das reuniões econômicas internacionais aconselhavam os jornalistas em bus-

car entrevistas nos corredores a não dar muita importância às declarações apressadas dos ministros que entravam e saíam da reunião do comitê interino do FMI. “Esse pessoal está apenas tentando atravessar a barreira de microfones e câmeras de TV. Não está pensando muito no que diz”, disse um funcionário do FMI.

Em certa medida, o conselho era justificado. Numa dessas entrevistas o ministro das Finanças da Alemanha chegou a negar que tivesse havido qualquer deterioração séria na economia dos países mais endividados. “As coisas podem estar um pouco tensas em algumas dessas nações mas as que fizeram ajustamentos, como o México já melhoraram muito”, disse ele.

Mas o mesmo funcionário do FMI atribuiu grande importância a uma frase de advertência de Stoltenberg, dita no meio de grande balbúrdias: “Francamente, acho que o Brasil não deveria ficar tão distante quanto tem estado do FMI. Países que tomaram essa distância, como o Peru, acabaram mal”, disse ele.

A equipe do ministro Bresser Pereira ficou tão preocupada com essas frases, aparentemente hostis e contraditórias, que arranjou um encontro do ministro no fim da tarde de ontem para que ele pudesse colocar em perspectiva essas divergências.

No encontro com jornalistas, Bresser disse que tanto o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, quanto o secretário do Tesouro James Baker, tinham mencionado a conversão da dívida em títulos como parte do *menu* de opções que deveria fazer parte dos acordos entre países devedores e bancos credores, daqui por diante. O ministro brasileiro afirmou que esse era um sinal da gradual aceitação das teses brasileiras pela comunidade financeira internacional.